



CLEISON LEITE FERREIRA

Departamento de Geografia – Universidade de Brasília – Unb

cleiferreira@yahoo.com.br

Expansão geográfica nacional e internacional dos elementos do Maracatu-Nação e a formação de grupos de maracatu no Brasil e no mundo

Introdução

O Maracatu-Nação é uma manifestação cultural afro-brasileira que tem seu território de origem e de referência identitária a Região Metropolitana do Recife-PE (RMR). Originário no século XIX de antigas práticas sociais da população africana de eleger e coroar reis e rainhas do Congo em Pernambuco, o Maracatu-Nação caracteriza-se por um cortejo real negro que sai às ruas dos centros e das periferias das cidades da RMR. Em momentos festivos, sobretudo no carnaval, desfilam com seus personagens – que são os elementos da corte real – devidamente ornados para a ocasião. São reis e rainhas, príncipes e princesas, vassallos, damas da corte, damas do paço com suas calungas (ou bonecas) e porta pálio (que carrega um grande sombreiro sobre a realeza). Acompanham a corte outros elementos simbólico-religiosos, como orixás, caboclos, ciganas, com seus turbantes, guias ou colares e calungas. Há ainda uma orquestra percussiva que executa a parte musical. Os elementos que compõem a parte percussiva de um Maracatu-Nação são seus instrumentos musicais e seus batuqueiros: alfaia (bombo ou tambor), caixa de guerra, tarol, mineiro e gonguê. Algumas Nações¹ têm inovado com outros instrumentos, tais como atabaque, agbê, timbal e patangome.

O Maracatu-Nação, essencial e obrigatoriamente, é associado ao Xangô (religião de culto aos orixás) e à Jurema Sagrada (religião ameríndia de culto às entidades

¹ Na Região Metropolitana do Recife foram identificados 27 Maracatus-Nação no ano de 2013. Cada Maracatu-Nação é também denominado de “Nação”. Uma designação presente tanto nos discursos de seus fazedores e das comunidades locais, como em obras de estudiosos de outrora, como Katarina Real (1967) e Guerra-Peixe (1981) e da atualidade, como Ivaldo Marciano Lima (2013) e Isabel Guillen (2007). Nas entrevistas com os Maracatus-Nação e em algumas de suas loas o termo Nação é usado pelos fazedores de como forma de diferenciação dos grupos de maracatu, de afirmação identitária, de *status* de tradicional e de autenticidade. “*Minha Nação é de 1800, o nosso batuque já é tradição. Dona Santa que já se foi, mas permanece em nossos corações.*” (Loa do Maracatu-Nação Elefante extraída na cerimônia religiosa Noite dos Tambores Silenciosos. Recife-PE, Fevereiro de 2011).

espirituais, como caboclos/caboclas e mestres/mestras) e está intimamente ligado à realidade das comunidades da periferia, onde representa atuação social, política e cultural. Tem suas sedes e os terreiros das religiões como pontos de referências no espaço metropolitano do Recife e carrega, assim, um valor inestimável para a comunidade local, pois agrega a população por meio de suas práticas culturais e dos problemas de ordem espacial urbana, caracterizados pela ocupação em áreas de encostas ou alagadas, de mangues aterrados e de canais. O Maracatu-Nação tem sido desde sua origem uma forma de resistência da população afrodescendente e, atualmente, é uma maneira de participação ativa da população negra na decisão da destinação dos recursos públicos para a elaboração de políticas culturais e de chamar a atenção dos gestores com relação aos problemas que enfrenta.

Depois de longos anos de perseguições sofridas entre os séculos XIX e XX, juntamente com outras manifestações culturais de matrizes africanas, por parte de aparatos oficiais de repressão, o Maracatu-Nação se tornou forte e numeroso, por ação de seus fazedores, e hoje é símbolo de identidade cultural pernambucana e Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil (IPHAN/2014).

Apesar de fortemente territorializada nas favelas das periferias e das áreas centras da RMR e da relação vital com as religiões afro-brasileiras e ameríndias, vem ocorrendo, desde os anos 90 do século XX, a formação de grupos percussivos e estilizados de maracatu em diferentes estados brasileiros e em outros países, compostos majoritariamente por jovens brancos provenientes de classe média e não associados às religiões. Os grupos percussivos estão preocupados apenas com a parte musical e os grupos estilizados ou parafolclóricos fazem a parte musical e reproduzem a corte real acompanhada de batuqueiros. Esses grupos são encontrados principalmente em municípios dos estados de São Paulo, de Santa Catarina, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e no Distrito Federal e em países da Europa, como Irlanda, Inglaterra, Áustria, Suíça, Alemanha, Portugal, França, Espanha, Itália e Holanda, e, ainda, no Japão, no Canadá e nos Estados Unidos.

Pressupomos que a formação desses grupos é um fenômeno geográfico que evidencia uma cultura local e que a expõe para realidades e contextos díspares, causando diferentes consequências no seu interior, e é resultante dos usos de alguns

elementos dos Maracatus-Nação que se expandiram geograficamente no Brasil e no mundo por ação tanto de maracatuzeiros e maracatuzeiras como seus adeptos, numa relação de troca ou de apropriação cultural. O objetivo desse trabalho é analisar a expansão geográfica nacional e internacional dos elementos que compõem o Maracatu-Nação e a espacialidade que envolve a formação de grupos percussivos e estilizados.

Metodologia

Esse trabalho tem como tema central a formação de grupos de maracatu no Brasil e no mundo a partir da expansão geográfica nacional e internacional de alguns elementos dos Maracatus-Nação. Para seu desenvolvimento, foram realizadas pesquisas de campo em Maracatus-Nação na RMR e em grupos de maracatu em alguns estados brasileiros e em alguns países, de acordo com aspectos observados durante pesquisa exploratória no ano de 2013².

O Maracatu-Nação, ou Maracatu de Baque Virado, é uma manifestação cultural presente apenas na RMR devido, entre outros fatores, às relações com as religiões de matrizes africanas e indígenas e com as práticas sociais que definem territorialidades, conforme aponta Ferreira (2012). Já os grupos de maracatu são os que resultaram de usos e apropriações dos elementos dos Maracatus-Nação e são encontrados em Pernambuco, em outros estados brasileiros e em outros países, porém não carregam o mesmo valor simbólico e territorial que as tradicionais Nações pernambucanas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram escolhidos Maracatus-Nação e grupos de maracatu no Brasil e no mundo após pesquisa exploratória, que expressou

² A pesquisa exploratória ocorreu em 2012 e se deu em duas vertentes que, de forma preliminar, subsidiaram a construção do objeto e convergiram na identificação do problema, na definição dos objetivos, na constituição da hipótese e na adoção do método de coleta, organização e análise dos dados. Assim, foi feito um levantamento de publicações e de pesquisas anteriores e recentes (livros, artigos, teses e dissertações) sobre o Maracatu-Nação, o qual nos permitiu observar que, por mais que essa manifestação cultural esteja sendo amplamente estudada por diversas áreas (Antropologia, História, Sociologia, Musicologia, Geografia), os estudos ainda são insuficientes, diante do que a sua complexidade exige. Além disso, as obras pesquisadas nos fizeram enxergar um possível aspecto para ser investigado e que a realidade já estava nos mostrando de forma mais clara, sendo essa a outra vertente da pesquisa exploratória: a observação *in loco* da manifestação cultural. Essa “lacuna”, ainda a ser objeto de análise, foi um convite à geografia, por se tratar de um aspecto da realidade que é a formação de grupos de maracatu no Brasil e no exterior, denunciando que isso se refere a uma questão espacial. O tratamento dessas informações preliminares nos levou a supor que esse processo se referia a uma dinâmica espacial caracterizada por expansão nacional e internacional de alguns elementos dos Maracatus-Nação, que foram apropriados e usados na formação de grupos de maracatu no Brasil e no Mundo.

preliminarmente aspectos significativos da realidade pesquisada. Assim, foi observado que entre as Nações há aquelas: a) que estão em evidência nos discursos e no imaginário coletivo dos grupos de maracatu visitados; b) que mais participam em eventos culturais; c) que mais realizam oficinas de toques e de confecções de tambores no Brasil e no exterior. Foram escolhidos, então, o Maracatu-Nação Estrela Brilhante do Recife, o Maracatu-Nação Leão da Campina e o Maracatu-Nação Porto Rico.

Também, optou-se por investigar duas Nações tradicionais que não possuem tanta evidência, como as citadas anteriormente, identificadas a partir de pesquisa de campo. As Nações escolhidas foram: Maracatu-Nação Aurora Africana e Maracatu-Nação Oxum Mirim.

Para entender a expansão geográfica nacional e internacional de alguns elementos do Maracatu-Nação e a formação de grupos de maracatu no Brasil e no mundo, foram escolhidos os grupos de maracatu que mais estão em evidência atualmente, participando de festivais, realizando oficinas e, sobretudo, mantendo contato com as tradicionais Nações pernambucanas. Assim, foram definidos, para a realização dessa pesquisa, os seguintes grupos de maracatu:

- a) Grupos de maracatu no Brasil: Cia Caracaxá, Bloco de Pedra e Arrastão do Beco (São Paulo-SP); Arrasta Ilha (Florianópolis-SC) e Encanto do Sul (Itajaí-SC).
- b) Grupos de maracatu na Alemanha: Baque Forte Berlin (Berlin) e Nation Stern der Elbe (Hamburgo).
- c) Grupos de maracatu na Grã-Bretanha e na Irlanda: Maracatu Estrela do Norte (Londres) e Maracatu Nação Celta e Maracatu Ilha Brilhante (Dublin).

As pesquisas de campo foram realizadas para coleta de dados primários e, sobretudo, para a identificação de como se deram os processos de expansão geográfica nacional e internacional dos elementos do Maracatu-Nação e a formação dos grupos de maracatu no Brasil e no mundo.

Foram definidas quatro etapas para a pesquisa de campo:

- Visitas sistematizadas às Nações de Maracatu da RMR (PE) – Escala local.
- Visitas sistematizadas aos grupos de Maracatu no Brasil - Santa Catarina e São Paulo – Escala Nacional.

- Visitas sistematizadas aos grupos de Maracatu na Inglaterra, na Irlanda e na Alemanha – Escala internacional.

Durante as pesquisas de campo foram realizadas entrevistas com os responsáveis pelas Nações e pelos grupos de maracatu. Também foram realizadas observações diretas com os registros em diário de campo, registros fotográficos e o cadastro das coordenadas geográficas das sedes dos grupos e das Nações para a elaboração dos produtos cartográficos (mapas, croquis e plantas).

Resultados preliminares

A expansão geográfica de elementos dos Maracatus-Nação e a formação de grupos de maracatu nas escalas nacional e internacional são processos relativamente recentes na história dessa manifestação cultural, tendo seu marco temporal, no século XX, o final dos anos 80, com a formação dos primeiros de grupos de maracatu no Brasil, e o início dos anos 90 com a formação dos primeiros grupos de maracatu em outros países.

Diante disso, uma das constatações dessa pesquisa é a importância da intensificação dos processos de globalização desde, pelo menos, no final do século XX e no início do XXI, sobre as identidades culturais, que colocaram culturas locais em evidência em um contexto mundial transformando-as em objetos de consumo ou, como nas palavras de David Harvey (2006, p. 221), em mercadorias.

Stuart Hall (2006) alerta com relação aos impactos da globalização sobre a identidade cultural. Esse autor destaca que os fluxos culturais, que ocorrem entre as nações, e o consumismo global possibilitam a formação de “identidades partilhadas (...) entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras” (HALL, 2006, p. 74). Com essa exposição das culturas locais às influências externas, se torna difícil manter as identidades culturais intactas ou, mesmo, “impedir que se tornem enfraquecidas através dos bombardeamentos e da infiltração cultural” (Idem).

Dessa forma, na sociedade do consumo, onde a cultura também se tornou mercadoria, as identidades culturais, sobretudo as que são classificadas como culturas

populares, estão disponíveis para a escolha, como um produto, e sujeitas ao fascínio do consumidor pelo diferente/pela alteridade, entendida pelo sistema dominante (e hegemônico) como o nativo “puro” vindo de lugar exótico “intocado” (HALL, 2006, p. 80). Ou seja, “uma “fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente” (Idem).

A pesquisa também tem mostrado que os Maracatus-Nação tanto realizam práticas espaciais e definem territórios, como se configuram como espacialidades. Assim, cada elemento que o compõe deve ser visto como relacional com a comunidade local e com o próprio Maracatu-Nação da qual faz parte. Além disso, constatamos que os elementos que formam os Maracatus-Nação não podem ser vistos isoladamente, já que nenhum por si só é significado. Cada elemento tem sentido no conjunto ou na experiência coletiva que forma a própria manifestação cultural e na realidade local onde está inserido.

Nos Maracatus-Nação, os elementos que os compõem são construídos a partir de um processo que envolve saberes e técnicas passadas entre as gerações e é permeado de vínculos sociais, afetivos e comunitários, em que a comunicação é fundamental para a transmissão da experiência coletiva (CLAVAL, 2001, p. 66). Segundo Paul Claval (1997, p. 95), “as informações que compõem as culturas transitam sem cessar de indivíduo para indivíduo. (...) Elas circulam entre vizinhos, entre amigos, entre parceiros de trabalho ou de negócios”.

Diante do exposto, a formação de grupos de maracatu é realizada a partir da expansão de alguns elementos dos Maracatus-Nação e de seus usos, sobretudo os materiais (como instrumentos musicais), nas escalas nacional e internacional. Isto nos revela que essa manifestação cultural não trata de algo centrado e descontextualizado de uma realidade mais global. Assim, é preciso considerar o que nos lembra Zygmunt Bauman (1997), quando afirma que as comunidades na pós-modernidade não são intocáveis ou com fronteiras intransponíveis, nem tão pouco isoladas de um contexto dinâmico resultante de processos globais, levando às comunidades a não poderem mais manter puras as suas tradições. Não se quer afirmar com isso que as culturas locais tenham perdido suas especificidades. Entendemos que as manifestações culturais, a exemplo do Maracatu-Nação, realizam suas tradições, porém em constante diálogo e trocas com a realidade circundante, como forma de resistência e de ressignificação.

Nos Maracatus-Nação os instrumentos musicais, as roupas de personagens da corte real, as músicas ou loas são construções coletivas, realizadas nas próprias comunidades, e são considerados elementos tradicionais dotados de simbologias constituídas por práticas sociais territorializadas e não dissociadas entre si. Quando esses elementos são usados para a formação de grupos de maracatu, não possuem a mesma carga simbólica do seu território original e ocorrem isoladamente. Grande parte dos elementos não é produzida coletivamente, sendo muitas vezes compradas (quando se trata de instrumentos musicais e roupas) ou tomadas de empréstimo (no caso das loas e dos toques de tambores). Assim, um batuqueiro de Maracatu-Nação toca sua alfaia, seja na sua comunidade, seja em apresentações nos espaços públicos, a partir de seus referenciais identitários, como obrigação religiosa e de pertencimento a uma Nação de Maracatu. Ao contrário, os grupos percussivos e estilizados tocam os instrumentos musicais e/ou reproduzem a corte de um Maracatu-Nação, sobretudo, como forma de sociabilidade e de divertimento, sem compromisso religioso ou com os vínculos comunitários. Assim, os grupos de maracatu no Brasil e no mundo têm sentidos e intencionalidades diferentes das Nações de Maracatu.

É comum encontrar nas sedes dos Maracatus-Nação na RMR pessoas de outros estados, principalmente do centro-sul, e de outros países, sobretudo europeus, que buscam aprender a fabricar e a tocar os instrumentos musicais, a dançar, a organizar um cortejo real e a confeccionar as roupas, os ornamentos e outros objetos que fazem parte da estética do Maracatu-Nação. Também têm ocorrido diversos eventos em estados Brasileiros (a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Amazonas) e no exterior (a exemplo da Irlanda, do Reino Unido e da Alemanha). As atividades desenvolvidas nessas localidades, tais como oficinas e encontros de maracatu, contam com a presença de mestres e mestras dos Maracatus-Nação, que ensinam sobre a manifestação cultural, com destaque para a parte percussiva, e são remunerados.

Assim, a expansão geográfica nacional e internacional e os usos de elementos dos Maracatus-Nação e na formação de grupos de maracatu não devem ser considerados como práticas indevidas e nem uma via de mão única. Ela é consensual e promovida também pelas Nações de Maracatu. Isto é significativo na medida em que para as Nações tem sido forma de sustentação e de reconhecimento, além de estratégias de



fortalecimento e de reinvenção de suas práticas. Assim, é de seu interesse. Isto também nos leva a confirmar o já discutido por estudiosos dos Maracatus-Nação (FERREIRA, 2012; GUILLEN, 2008 e 2013; LIMA, 2005 e 2013), de que não se tratam de sujeitos inocentes. Ao contrário, ocorre como uma ação política e, nesse contexto, de poder.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zigmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

FERREIRA, Cleison Leite. **O espaço dos Maracatus-Nação de Pernambuco: território e representação**. 2012. 123 f.: Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Geografia, 2012.

GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. Recife: Irmãos Vitale, 1981.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Maracatus-nação, uma história entre a tradição e o espetáculo. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (Org.). **Tradições e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Recife: EdUFPE, 2008

GUILLEN, Isabel Cristina & LIMA, Ivaldo Marciano. **Os Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990)**. In: Saeculum, Universidade Federal da Paraíba, n. 14, janeiro/junho 2006. Pp. 183-189. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11350/6464>. Acessado em 09/09/2013.

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus-Nação: ressignificando velhas histórias**. Recife: Edições Bagaço, 2005.



_____. Maracatus-Nação e grupos percussivos: diferenças, conceitos e histórias. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (org.). **Inventário cultural dos maracatus-nação**. Recife: EdUFPE, 2013.

LIMA, Ivaldo Marciano de França; GUILLEN, Isabel C. Martins. **Cultura Afro-descendente no Recife**: maracatus, valentes e catimbós. Recife: Edições Bagaço, 2007.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. In: Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.